

Força e sua exteriorização na lógica da essência de Hegel: uso dessa categoria nas ciências contemporâneas

Force and its externalization in Hegel's Logic of Essence: the use of this category in contemporary sciences

Christian Iber¹

Resumo: Eu gostaria de reconstruir a crítica de Hegel à relação entre a força e sua exteriorização em quatro passos: (I) Hegel destrincha, primeiramente, a contradição interna da categoria de força na relação com a sua exteriorização, (II) em seguida, ele apresenta o tautológico da relação da força e de sua exteriorização. Este ponto eu gostaria de elucidar a partir de um exemplo da psicologia. (III) Em terceiro lugar, Hegel explicita que a exteriorização da força não depende de modo algum dessa força, mas sim é condicionada, e precisamente por meio de uma outra força, o que conduz a um progresso infinito de solicitação (isto é, da ativação ou do reavivamento) de forças. Por fim (VI), quero apresentar um panorama geral da relação entre o interior e o exterior e da categoria da efetividade.

Palavras-chave: força e sua exteriorização, atualidade dessa categoria.

Abstract: In this text I want to reconstruct Hegel's criticism of the relation of the force and its expression in four steps: (1) Firstly Hegel works out the internal contradiction of the category of force in relation to its expression, (2) then he shows the tautological of the relation of force and its expression. This issue I want to illustrate with the help of an example from psychology. Thirdly (3) Hegel points out that the expression of the force is not necessarily dependent on this force, but on its part is caused by another force, which leads to an infinite progress of solicitation (= triggering/awakening) of forces. Finally (4) it is intended to give an outlook on the relation between the inside and the outside and on the category of actuality.

¹ Professor colaborador Programa de Pós-Graduação Filosofia PUCRS, bolsista PNPd/CAPES, Berlim. E-mail: iber_bergstedt@yahoo.de.

Key words: force and its expression, topicality of this category

Na minha comunicação estou voltado para a crítica de Hegel à relação entre a força e sua exteriorização na lógica da essência, na medida em que gostaria de expor, ao mesmo tempo, a partir de exemplos, a deficiência da aplicação dessa categoria nas ciências contemporâneas. Na minha apresentação me orientarei pela versão da lógica da essência da *Enciclopédia*, porque essa é mais apta para uma comunicação.

Nas ciências, a categoria “força” é uma categoria da explicação, porque ela não determina simplesmente o objeto imediatamente encontrado, mas sim o apresenta como derivado, “proveniente” de algum outro.

“As exteriorizações singulares de uma força se apresentam inicialmente a nós em uma variedade indeterminada, e em sua singularização, como contingentes. Em seguida, reduzimos essa variedade à sua unidade interior, que designamos como força, e, a respeito do ser contingente na aparência – ao conhecermos a lei que nele impera –, nos tornamos conscientes disso como sendo algo necessário” (Enc. I, § 136, adendo 2, Meneses, p. 259).²

Uma explicação é a redução do múltiplo à sua unidade interior, porque então uma coisa está sabida na sua necessidade, ou, porque assim o “porquê” deve ser respondido, “e é em geral a resposta dessa pergunta que forma a tarefa comum da ciência, tanto empírica como filosófica” (Enc. I § 136, adendo 2, Meneses, p. 260). Se o conceito de força é capaz de dar esta resposta à questão “por quê”, isto é o objeto da seguinte análise.

Certo é que a resposta à questão do desempenho da explicação da categoria “força” não é indiferente. Pois não somente as ciências naturais, que conhecem uma força mecânica, uma força magnética, uma força de atração e outras forças, mas também nenhuma ciência humana gostaria de prescindir do emprego desse conceito. A ciência política deduz o Estado a partir de uma força natural ou a partir de uma capacidade do ser humano,

² A *Ciência da Lógica II* de Hegel será citada conforme a *Theorie-Werkausgabe in zwanzig Bänden* (= TW). E. Moldenhauer, K.M. Michel (Orgs.). Vol 6 (= TW6). Frankfurt am Main: Suhrkamp-Verlag, 1969s., a *Enciclopédia I* de Hegel cita-se conforme G.W.F. Hegel. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1930). Volume I. Traduzido por Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

quando ela articula, como explicação, que o ser humano seria um “*zoon politikon*” (Aristóteles), um “ente formador de Estados por natureza”.

A Psicologia deduz quase toda a exteriorização da vida do ser humano a partir de uma força para esta e ela, a Psicologia, explica o conflito a partir de um impulso agressivo, o amor a partir de um impulso sexual, ou seja, do impulso materno, do impulso da destruição e da morte etc. Noam Chomsky introduziu esse modelo de explicação na linguística e explica a linguagem a partir de uma competência para o desempenho (a performance) (isto é, o uso linguístico em uma situação concreta), portanto, a partir de uma competência para a exteriorização linguística. Essa competência ele deduz, por sua vez, a partir de uma “*black box*” (de uma caixa-preta), a qual não pode ser determinada nem averiguada em si mesma, razão pela qual ela apenas pode ser explicada através da sua exteriorização. Chomsky separa, portanto, explicitamente a linguagem externada da competência a ela subjacente, mas não acessível.³ A competência linguística faz surgir a linguagem. Por fim, Kant empregou o conceito de força na filosofia, na medida em que ele determina o conhecer a partir das condições da faculdade cognitiva. A crítica de Hegel à categoria de “força” revela a fraqueza de todas essas explicações.

Eu gostaria de reconstruir a crítica de Hegel à relação entre a força e sua exteriorização em quatro passos: (I) Hegel destrincha, primeiramente, a contradição interna da categoria de força na relação com a sua exteriorização, (II) em seguida, ele apresenta o tautológico da relação da força e de sua exteriorização. Este ponto eu gostaria de elucidar a partir de um exemplo da Psicologia. (III) Em terceiro lugar, Hegel explicita que a exteriorização da força não depende de modo algum dessa força, mas sim é condicionada, e precisamente por meio de uma outra força, o que conduz a um progresso infinito de solicitação (isto é, da ativação ou do reavivamento) de forças. Por fim (VI), quero apresentar um panorama geral da relação entre o interior e o exterior e da categoria da efetividade.

³ Cf. Noam Chomsky. *Aspekte der Syntaxtheorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969, p. 32.

I

Hegel explica, primeiramente, o que é o conteúdo da categoria “força”: a força não é uma coisa por si só, e sim uma relação: mais precisamente, ela é o momento movente nessa relação e, ao mesmo tempo, a relação inteira. Ela inclui precisamente de modo necessário sua exteriorização, pois apenas por meio dessa ela é ativa e se mostra eficiente enquanto força.

“A força – enquanto é o todo que em si mesmo é a relação negativa a si – consiste em repelir-se de si e em exteriorizar-se. Mas já que essa reflexão-em-outro, a diferença das partes, é igualmente reflexão-em-si, a exteriorização é a mediação pela qual a força, que retorna a si mesma, é enquanto força” (Enc. I, § 137, Meneses, p. 260).

A força é, portanto, “a relação negativa a si”, porque ela é e só pode ser força, na medida em que ela desiste de si como tal, se torna exteriorização e, com isso, não é mais força. Ao mesmo tempo, a força tem nisso sua “reflexão-em-si”, por conseguinte, sua identidade enquanto força. Isso é uma contradição: a força tem sua identidade nisso que ela se suprassume, e precisamente no seu outro, na sua exteriorização.

A força tem, portanto, sua verdadeira existência apenas na sua exteriorização, na qual ela existe como resultado, mas justamente não mais enquanto o movente. A coisa determinada como exteriorização deve ser explicada por meio da força, a saber, ser determinada na sua necessidade; mas a determinidade inteira da força reside somente na exteriorização. Por meio da exteriorização, a própria força retira a diferença meramente afirmada à exteriorização e mostra a identidade de conteúdo entre força e exteriorização.

“Sua exteriorização [da força] é, ela mesma, o suprassumir da diversidade dos dois lados, que está presente nessa relação, e o pôr da identidade que em si constitui o conteúdo” (Enc. I § 137, Meneses, p. 260).

II

A força apenas repete tautologicamente de outra forma o mesmo conteúdo já contido na exteriorização. O conceito de força não serve,

portanto, para uma explicação da exteriorização. Pois se também a lei da causalidade pertence à identidade da causa e do efeito – a causa tem que incluir sempre necessariamente o efeito, de outro modo ela não é nenhuma causa –, do mesmo modo pertence a isso também a diferença: se o movente e o movido são o único e o mesmo, então um não é justamente o primeiro nem o outro o proveniente dele.

“Costuma-se dizer que a própria *natureza da força é desconhecida*, e que só é conhecida sua exteriorização. Por um lado, a completa *determinação do conteúdo* da força é exatamente o mesmo que a *exteriorização*: a explicação de um aparecimento por sua força é, por isso, uma tautologia vazia. O que deve ser desconhecido de fato é, assim, nada mais que a forma vazia da reflexão-em-si, pela qual somente a força é diferente da exteriorização – uma forma que é, igualmente, algo bem-conhecido. Essa forma nada acrescenta, no mínimo que seja, ao conteúdo e à lei, que só devem ser conhecidos a partir do aparecimento. Garante-se, de todos os lados, que nada se deve afirmar sobre a força; assim não se vê por que a forma da força foi introduzida nas ciências” (Enc. I, § 136, obs., Meneses, p. 257s.).

Eu gostaria de esclarecer a forma de explicação tautológica revelada por Hegel da relação entre a força e sua exteriorização a partir de um exemplo. Na Psicologia, a inteligência é explicada, por exemplo, do seguinte modo:

“As definições de inteligência disponíveis em grande número acentuam no essencial quatro estados de coisas: 1. o fato de que se trata de um talento que um ser vivente pode possuir em maior ou menor medida; 2. o fato de que essa capacidade possibilita a solução de problemas concretos e abstratos e, com isso, a realização de situações novas; 3. o fato de que o mero experimentar e aprender, nos quais os êxitos acidentalmente aparecem, se tornam em boa medida desnecessários; 4. o fato de que esse talento se externa na apreensão, aplicação, interpretação e produção de relações e conexões de sentido”.⁴

O que se sabe agora sobre a inteligência? Aqui a inteligência é explicada como talento para solucionar problemas, como apreender conexões de sentido etc., portanto, como capacidade de comportamento inteligente. A explicação avançou apenas de modo formal. A inteligência

⁴ Fischer *Lexikon Psychologie*. Peter R. Hofstätter (Org.). Frankfurt am Main: Fischer-Verlag, 1957, p. 172.

surge agora duas vezes: uma vez como o modo de comportamento, que o psicólogo constata como fenômeno, e outra vez como talento, que consiste em nada mais do que fazer surgir o modo de comportamento que deve ser explicado. O conteúdo permanece um espaço vazio – no lugar da inteligência se poderia colocar qualquer outra coisa. A coisa é, porque ela é produzida, gerada por meio de uma força ou capacidade.

Essa figura lógica serve evidentemente para inventar coisas que não existem, justamente essas forças e capacidades que devem ficar atrás do comportamento. O comportamento inteligente, que é explicado por meio da capacidade subjacente a ele, já é, de fato, uma ocupação esquisita. Ele parece ser tal coisa semelhante ao pensar, mas, todavia, não o mesmo. Obviamente, em cada atividade é possível se comportar de modo inteligente ou não. E pelo que se distingue o atuar inteligente do não inteligente?

Assim é inteligente quando se domina uma atividade, ou seja, não se experimenta meramente, mas se procede sistematicamente, quando se tem uma visão global, quando também vem à luz aquilo que deve vir à luz.

Distinguir o poder do não poder não é o que a teoria da inteligência da Psicologia alveja. Ela quer esclarecer o poder a partir de uma propriedade *autônoma ao lado* das atividades existentes no mundo. Ela inventa um *Know-how* (saber-fazer) abrangente, que não é de nenhuma coisa determinada. O *Know-how* (saber-fazer), com efeito, não deve ser separado de atividades determinadas. A afirmação de que o poder se *exterioriza* nisso que existe no mundo, cria-o como coisa-extra, uma coisa sobre a qual não se precisa anunciar nada, porque uma força não deve ser compreendida de outro modo e não deve ser conceitualizada para além de sua exteriorização.

Entretanto, a força garante algo *distinto* disso. E esse é o mérito dessa categoria para os cientistas que querem *inventar* coisas, nesse caso uma propriedade do ser humano, que é responsável pelo fato de que, no mundo, alguns avançam mais do que outros. Quem não aprendeu nada, não possui justamente a capacidade para isso. Os estabelecimentos sociais, que o excluíram deliberadamente da formação, não são submetidos à crítica.

Essa categoria é atrativa para a ciência moderna através de sua deficiência, de sua não cientificidade específica, como Hegel – que não

pôde, com efeito, imaginar, porque mesmo assim ela foi empregada – declara na citação acima mencionada.

A forma da explicação já está realizada com a categoria “talento”. Vai-se para além daquilo que se constata como sendo assim no mundo e mostra-se algo semelhante a um fundamento, algo que determina (reflexão-em-si) a coisa que está em questão. Só que aquilo que deve explicar a coisa é, do ponto de vista do conteúdo, inteiramente vazio. A força não tem nenhuma outra propriedade do que *fazer surgir* a coisa. A diferença formal entre a força e sua exteriorização sugere o progresso do conteúdo, o qual, no entanto, não se realiza de modo algum.

E onde essa figura intelectual é utilizada, ela não serve, de modo algum, para a explicação, e sim para dar a uma coisa ou ideia não esclarecida, aqui a inteligência, uma forma racional exterior. Sempre é a afirmação de que uma coisa não tem de modo algum outra explicação do que ela mesma e, com isso, é manifestada ou a oposição contra uma explicação efetiva, como no caso da declaração “o ser humano é o ente formador de Estados”, ou como no caso da agressão e da inteligência, a negação do caráter irracional de coisas inventadas, como impulso de agressão ou talento para inteligência.

III

Mas Hegel ainda não concluiu a crítica a essa forma de explicação discutida. Ele toma ainda a sério a tentativa fracassada de explicação também após o desvelamento de sua inconsistência e quer salvar o que estava *entendido*, mas que não fora *dito*. Além disso, a comparação acima aduzida com a lei da causalidade é uma antecipação. Hegel apenas chega a esse conceito de causalidade por meio de uma crítica mais determinada da força.

Na afirmação do desconhecimento da força Hegel nota a lembrança do correto, a saber, que uma explicação é deficiente, quando não se sabe o fundamento de uma coisa, e vê nisso também a confissão de que foi *entendida* uma determinação da exteriorização, quer dizer, uma necessidade, mas foi expressa somente uma tautologia.

“Por outra parte, porém, a natureza da força é certamente algo desconhecido, pois lhe falta ainda a necessidade tanto da conexão de seu conteúdo, como desse mesmo conteúdo, enquanto é para si limitado; e assim tem sua determinidade por meio de um outro fora dele” (Enc. I, § 136, obs., Meneses, p. 258).

Hegel investiga ulteriormente, portanto, a representação formal da força e da exteriorização, a qual, porém, do ponto de vista do conteúdo, caiu na tautologia, para mostrar que a força não pode *de modo algum determinar a exteriorização com necessidade*: a força tem apenas efetividade por meio da e na sua exteriorização, mas essa não depende de modo algum dela [da força]. De modo algum a força gera a exteriorização a partir de si mesma, ela não se externa sempre e necessariamente, mas é dependente de circunstâncias e condições exteriores.

Primeiramente, a força, que é representada como essencial contra sua exteriorização, está representada de modo inessencial, na medida em que ela é representada “por si”, independentemente do objeto no qual ela surge. Pois ela pressupõe o objeto no qual ela surge e é condicionada por ele:

“A finitude da relação mediatizada da força e de sua exteriorização mostra-se, antes de tudo, em que cada força é condicionada, e precisa para sua consistência de um outro que não ela. Assim, por exemplo, a força magnética; sabe-se muito bem que tem seu suporte principalmente no ferro, cujas outras propriedades (cor, peso específico, relação a ácidos etc.) são independentes dessa relação ao magnetismo” (Enc. I, § 136, adendo 1, Meneses, p. 258).

E na *Ciência da Lógica* Hegel diz o seguinte sobre esse estado de coisas:

“Conforme essa determinação, nele [no portador da força] não reside nenhum fundamento para ter uma força; a força, pelo contrário, como o lado do ser-posto, tem essencialmente a coisa por sua pressuposição. Quando por isso se pergunta como a coisa ou a matéria chega a *ter* uma força, assim isso aparece como associado exteriormente e *impresso* na coisa através de um poder estranho” (G.W.F. Hegel. *Ciência da Lógica II*. TW 6, p. 174).

A explicação de uma coisa através de uma força, mas a qual, então, está determinada apenas por meio de sua exteriorização, não pode, portanto, de modo algum, explicar por que e como, por exemplo, o ser

humano tem o impulso para a agressão em si. Ele aparece como “cego por acaso”, da mesma forma como o caso da sua exteriorização não tem nada a ver com o próprio impulso:

“Além disso, a finitude da força se mostra em que ela, para exteriorizar-se, precisa da solicitação. Aquilo pelo qual a força é solicitada é, por sua vez, ele mesmo exteriorização de uma força, que para exteriorizar-se deve igualmente ser solicitada. Obtemos desse modo, ou de novo, uma progressão até o infinito” (Enc. I, § 136, adendo 1, Menese, p. 258).

A categoria força-exteriorização revela sua deficiência, portanto, também “nela mesma”. Sua aplicação levanta sempre a questão, por que a força faz surgir *precisamente agora* essa exteriorização. Quando, por exemplo, a agressão é afirmada como disposição geral do ser humano, então se coloca inevitavelmente a questão: por que ele não é, então, sempre agressivo? Se a agressão está medida no homem, então, ela tem que certamente sair, portanto, exteriorizar-se. A força, que, todavia, conforme o conteúdo, não é de modo algum outra coisa senão a exteriorização, não concorda, por outro lado, de modo algum com a exteriorização.

Para cada exteriorização *determinada*, a força é como uma explicação demasiadamente *geral*. Isso mostra o seguinte exemplo: se uma criança sabe calcular bem, então ela é inteligente. Mas, então, ela precisaria saber também ortografia e isso ela não sabe. Pois bem, talvez ela tenha somente uma ‘inteligência matemática’.— Agora há a possibilidade da escolha: pode-se logo dizer que a criança sabe calcular bem, ou ainda afirmar uma capacidade extra, que é responsável pela capacidade de calcular, então o jogo prossegue. Sempre a correspondência da força e da exteriorização tem que ser primeiramente ainda provada. Visto que a força deve ser algo autônomo frente às suas exteriorizações diversas, ela nunca se dissolve nisso e “explica” essas sempre apenas de modo insuficiente. Por isso *outros fatores* precisam ser responsáveis para que ela se exteriorize de um modo e não de outro. Mas onde está agora o poder de explicação da força?

A Psicologia e a Pedagogia continuam também, de fato, nessa lógica da categoria força-exteriorização mostrada por Hegel e se orientam com firmeza na correspondência entre força e exteriorização, de modo que elas, mais uma vez, inventam um “impulso inicial” que leva a força a exteriorizar-

se: um “*estímulo*” tem que agir no homem agressivo, para que ele se torne agressivo e a inteligência tem que ser “*suscitada*”, para que ela não permaneça adormecida à vida inteira.

O par de categorias força-exteriorização, no qual a coisa e sua explicação, por um lado, são do ponto de vista do conteúdo idênticas, e, por outro, divergem completamente, desempenha somente uma necessidade *formal* – apenas uma *aparência* da *necessidade*. O fato de que na força não reside de modo algum a consequência de que a exteriorização se realize, leva a uma transição: ela não faz surgir de modo algum a coisa, a coisa não é *necessária* por meio dela, mas meramente *possível*. Não quero, entretanto, aqui aprofundar mais a categoria da possibilidade.

IV

Hegel retém o resultado da sua crítica do conceito de força e a continuação do pensar conceitualizante em categorias ulteriores, que está ligado com sua crítica ao conceito de força: primeiramente, a representação de uma força interior e a exteriorização que provém por meio dela devem ser abandonadas, já que a força não pode ter nenhum outro conteúdo senão a exteriorização, ela também não é outra coisa senão ela mesma. Portanto, é um erro a ideia do totalmente interior, que é diverso da exteriorização e, todavia, não se faz valer [o interior] como distinto da exteriorização.

“Sua verdade [da relação da força e da exteriorização] é, por isso, a relação cujos dois lados são diferentes como *interior* e *exterior*” (Enc. I, § 137, Meneses, p. 260).

Sobre a relação do interior e do exterior Hegel diz o seguinte:

“O exterior é, portanto, em primeiro lugar, o mesmo conteúdo que o interior. O que é interior está também presente exteriormente, e vice-versa; o aparecimento não mostra nada do que não esteja na essência; e nada está na essência que não seja manifestado” (Enc. I, § 139, Meneses, p. 161).

Com a relação do interior e do exterior é abordado um ulterior padrão de explicação deficitário. O erro desse par de categorias consiste no fato de que interior e exterior, a despeito da sua identidade de

conteúdo, se apresentam como opostos. Hegel discute a relação da força e de sua exteriorização sob a categoria da “relação essencial”. Sob este título ele conceitualiza modos de determinação *relativa*, portanto, da determinação por meio da relação com outro, nos quais cada categoria apenas pode ser explicada por meio do seu outro. Sua versão mais direcionada recebe essa espécie de determinação por meio da relação na relação do interior e do exterior.

O absoluto, que Hegel introduz no início da terceira seção “a efetividade”, apresenta-se como o resultado da “relação essencial”. O absoluto se deixa compreender como abreviação do objetivo para o pensar conceitualizante em geral, precisamente o critério de referência de *determinar cada objeto do compreender em relação a si mesmo e não tão-somente no recurso a outro*. Com o absoluto, o pensar que compreende efetua, portanto, uma correção nos modos da determinação *relativa* da coisa, por conseguinte, da determinação por meio da relação com outro, que abre ao pensar novas perspectivas na determinação da coisa.

Com isso resultou uma nova determinação da essência: a efetividade:

“O que algo é, isso ele é, portanto, por inteiro na sua exterioridade” (TW 6, p. 185). A unidade, a identidade “pura e simplesmente” do interior e do exterior “não é em e para si [mais] do que isso, exteriorizar-se. É o revelar da sua essência, de modo que esta essência justamente apenas consiste em ser o revelando-se” (TW 6, p. 185). A relação essencial se determinou “nessa identidade do aparecimento com o interior ou com a essência para a efetividade” (TW 6, p. 185). O novo termo, que constitui a efetividade, é o da ‘manifestação’.

Resumindo: a diferença entre força e sua exteriorização é puramente formal, ou seja, não é de conteúdo. A análise de ambas as determinações as mostra como lados complementares de uma relação, na qual o mesmo conteúdo surge de modo duplo: ele está determinado, uma vez, como um interior e, outra vez, como um exterior. Nesse caso, cada um dos lados do mesmo grupo remete ao outro: a força à exteriorização como sua efetividade (do aparecimento) e a exteriorização à força como sua essência interior. Portanto, não se sabe mais nada sobre uma coisa encontrada empiricamente, quando eu a determino como exteriorização de um impulso ou como atuação de uma capacidade para isso; somente se assegura

tautologicamente, que se quer considerar a exteriorização como efeito de algo interior.

Conclusivamente se coloca a questão sobre o que se pode aprender da crítica de Hegel às categorias das ciências na lógica da essência: a questão sobre o que se pode aprender da análise lógica das categorias das ciências pode ser respondida da seguinte maneira: descobrem-se erros ou deficiências na explicação, não singulares, casuais, mas tais que são cometidos de modo geral e por causa disso já entraram na estratégia de emprego e na respectiva terminologia das ciências. Mas isso não é, todavia, nenhuma negação do caráter de luxo da *Ciência da Lógica*, portanto, nenhum argumento para sua necessidade. Nós também podemos exercer ciência sem a lógica de Hegel.

Certamente, o erro de uma explicação conforme a amostra discutida deixaria se descobrir na sua “aplicação” executada pela Psicologia ou Linguística. Necessariamente surge de novo todos os momentos da explicação falsa também na “aplicação” da categoria. Os momentos da explicação falsa não devem aí ser criticados nem de modo mais fácil nem de modo mais difícil do que na consideração abstrata da categoria sem conteúdo singular-científico, como é o caso na lógica de Hegel. Quem, na verdade, presentificou o conceito universal desse erro com Hegel, está com a vantagem de ter que apenas ainda redescobri-lo nos exemplos.

De resto, deve ainda ser dito que a crítica de Hegel às categorias deficientes da explicação das ciências desempenha, ao mesmo tempo, uma contribuição para a crítica da ideologia que essas ciências disseminam. Nessa medida, a lógica da essência de Hegel é um tópico revolucionário, uma verdadeira revolução no modo de pensar.

BIBLIOGRAFIA

Chomsky, Noam. *Aspekte der Syntaxtheorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969

Hegel, G.W.F. *Wissenschaft der Logik II [A Ciência da Lógica II]*. In: *Theorie-Werkausgabe in zwanzig Bänden (= TW)*. E. Moldenhauer, K.M. Michel (Orgs.). Vol 6 (= TW 6). Frankfurt am Main: Suhrkamp-Verlag, 1969s.

Hegel, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1930). Volume I. Traduzido por Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

Hofstätter, Peter R. (Org.) *Fischer Lexikon Psychologie*. Frankfurt am Main: Fischer-Verlag, 1957.